

Lukács Intérprete de Lenin

Antonino Infranca

Como citar: INFRANCA, A. Lukács Intérprete de Lenin. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.385-411. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p385-411>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LUKÁCS INTÉRPRETE DE LENIN¹

Antonino Infranca

Pode parecer paradoxal que Lukács tenha se tornado marxista antes de se tornar leninista, ainda que sua adesão ao Partido Comunista Húngaro tenha ocorrido em dezembro de 1918, ou seja, pouco mais de um ano após a Revolução de Outubro. Se compararmos a adesão ao leninismo de Lukács com a de outro grande e reconhecido pensador marxista, Gramsci, podemos ver que o italiano tenha reconhecido na ação política de Lenin, de imediato, ou seja, logo após as Teses de Abril, uma novidade absoluta em relação à reflexão política marxista da época. Lukács, por sua vez, participa antes da experiência revolucionária da República dos Conselhos e depois,

Somente em Viena [em 1920, isto é, após a derrota da República dos Conselhos] apresentou-se a mim a oportunidade de realmente conhecer Lenin, de interpretar com clareza cada vez maior o significado de sua fisionomia espiritual-prática-moral para mim. (LUKÁCS, 1983, p. 213).

O próprio Lukács argumenta que, com “clareza crescente” apropriou-se da “fisionomia espiritual-prática-moral” de Lenin, até transformá-

¹ Tradução: Araguaia Solange de Souza Lopes: Doutora em Letras na área de Teoria da Literatura, atua como professora de Língua e Literatura Italianas junto à UNESP-Universidade Estadual Paulista – Campus de São José do Rio Preto/SP. Desenvolve pesquisas nas áreas de Língua e Literatura Italianas e Tecnologias aplicadas ao ensino de Língua Estrangeira.

-lo em um modelo do “grande tipo humano do revolucionário socialista” (LUKÁCS, 1975, p. 51), nem jacobino nem místico: “Os revolucionários autênticos e, entre eles especialmente Lenin, distinguem-se desta utopia pequeno-burguesa pela ausência de ilusões.² “Nenhum dirigente comunista húngaro, ainda que tenha vivido na Rússia durante os meses da revolução, ou que tenha convivido pessoalmente com Lenin, de acordo com Lukács, tinha entendido este aspecto³.

O primeiro contato entre Lukács e Lenin foi a crítica que o líder bolchevique expressou sobre o artigo do húngaro “A questão do parlamentarismo” (1920). Lukács postulava que os comunistas não deveriam participar das eleições parlamentares e dos trabalhos parlamentares, porque “empenhar-se na atividade parlamentar comporta, assim, para cada partido comunista *a consciência e a admissão de que a revolução é impensável à curto prazo*” (LUKÁCS, 1972b, p. 76). Ao invés da ação parlamentar, Lukács preferia

as explosões revolucionárias [que] são ações de massa espontânea, nas quais ao partido cabe a tarefa de tornar consciente o objetivo, indicar a direção. Mas justamente porque o ponto de partida do conflito está no parlamento, a espontaneidade das massas corre um sério perigo. (LUKÁCS, 1972b, p. 80).

Portanto, Lukács mostrava-se propenso à espontaneidade da ação revolucionária e reconhecia a debilidade do proletariado para tomar parte de uma ação política legal junto à burguesia, sustentando teses de matriz filo-luxemburguiana. Tratava-se de uma confissão da incapacidade política de uma classe que, caso vitoriosa na revolução, se candidatava a governar a

² LUKÁCS, G. “La missione morale del partito comunista» (24 aprile 1920), In: _____. *Scritti politici giovanili 1919-1928*. Tr. it. P. Manganaro e N. Merker. Bari: Laterza, 1972a. p. 95 [Ressalta-se que na nota do tradutor às páginas XLIII-XLIV não há informações bibliográficas deste artigo, ainda que tenha sido incluído na coletânea].

³ “Na minha opinião, para Béla Kun o verdadeiro teórico da ditadura naquele tempo era Bukharin e, portanto, trouxemos muito pouco da elaboração teórica de Lenin. Os textos traduzidos eram pouco numerosos, e, se no partido húngaro foi possível falar mais tarde de tradições leninistas, isso deveu-se à emigração. Naturalmente, todos viam Lenin como o grande líder da revolução, mas de seus escritos, por exemplo, eu tinha lido apenas alguns artigos de *Estado e revolução*. Nas questões teóricas nos encontrávamos assim, entregues a nós mesmos” (LUKÁCS, G. *Cultura e Repubblica dei consigli*. In: _____. *Cultura e potere*. Editado por C. Benedetti. Roma: Editori Riuniti, 1974a. p. 107. Igualmente se repete em “Lenin e il contenuto attuale del concetto di rivoluzione” in G. L., *Luomo e la rivoluzione*, cit., p. 50). Ressalte-se que no início após a Revolução de Outubro, Gramsci também pensava que o líder revolucionário mais eminente fosse Chernov e não Lenin (cf. GRAMSCI, A. “I massimalisti russi” e “Kerensky-Chernov”. In: _____. *La città futura*. Editado por S. Caprioglio. Torino: Einaudi, 1984, respectivamente p. 265-267 e 358-360).

sociedade civil na sua totalidade. Lukács recai em expectativas messiânicas: “Dado que o parlamentarismo é uma tática de defesa do proletariado, é preciso preparar esta defesa de modo que a iniciativa tática caiba sempre ao proletariado, e que os ataques da burguesia tornem-se fatais a ela própria” (LUKÁCS, 1972b, p. 78), sem explicar como seja possível sair dessa posição defensiva para uma mais ofensiva, admitindo, assim, que a ação revolucionária só nasce espontaneamente no proletariado.

A crítica de Lenin foi áspera e drástica:

O artigo de G.L. é muito de esquerda e muito ruim. O marxismo ali exposto é puramente verbal; a distinção entre a tática “defensiva” e a “ofensiva” é artificial; carece de uma análise concreta de situações históricas bem determinadas; as coisas essenciais (a necessidade de conquistar e de aprender a conquistar todos os campos de atividades e organizações em que a burguesia exerce a sua influência sobre as massas, etc.) não são levadas em consideração. (LENIN, 1967, p. 134).

Decorridos quarenta anos, Lukács retorna ao episódio e reconhece a pobreza de seus argumentos frente a riqueza daqueles de Lenin:

Lenin propôs fazer uma distinção entre as instituições ultrapassadas no sentido histórico universal e instituições ultrapassadas em um sentido histórico contingente. Mesmo o parlamentarismo burguês, por sua vez, pode ser reforçado e melhorado. E, pelo menos em parte, manterá sua natureza dentro do sistema capitalista⁴ (mas será sempre uma arma na luta política do proletariado).

Para amenizar a dura crítica de Lenin, Lukács recorda que Bela Kun era o verdadeiro alvo do ataque de Lenin e na ocasião as posições de

⁴ O parentese é nosso. LUKÁCS, G. I compiti della sinistra nella società occidentale. In: _____. *Cultura e potere*, cit., p. 162. Ainda sobre o espontaneísmo, Lukács abandonou rapidamente as suas posições filo-luxemburguiana e se afastou de Rosa Luxemburg: “Hoje é possível afirmar tranquilamente, sem a mínima irreverência para com a memória de Rosa Luxemburg, que a sua oposição a Lenin em 1904, estava baseada na mais completa incompreensão das suas propostas; e que naquela época também Rosa Luxemburg tinha diante dos olhos somente a velha estrutura do partido, e vendo nela – e com razão no que diz respeito à Europa Central e Ocidental — um elemento de freio da revolução, e fazendo assim um apelo próprio a espontaneidade das massas como o elemento portador da revolução” (LUKÁCS, G. Problemi dell’iniziativa rivoluzionaria. In: _____. *Scritti politici giovanili 1919-1928*, cit., p. 159-160).

Lukács e Bela Kun eram idênticas quanto à questão do parlamentarismo, sendo que Lenin não tinha uma boa opinião de Bela Kun⁵.

A primeira obra de Lenin que exerceu influência sobre Lukács foi *Estado e Revolução*⁶. O produto daquele estudo mais aprofundado das obras de Lenin foi o “livrinho” *Lenin. Teoria e práxis na personalidade de um revolucionário*, que só por este fato, representou uma verdadeira superação da obra marxista mais célebre de Lukács, ou seja, *História e consciência de classe*.⁷ Neste livro, Lukács pretendia

sobretudo reproduzir não o sistema objetivo, teórico, de Lenin, mas as forças motrizes, tanto objetivas quanto subjetivas, que haviam permitido essa sistematização, a sua encarnação na pessoa e nos atos de Lenin, sem nem mesmo tentar explicar completa e pormenorizadamente essa unidade dinâmica na sua vida, na sua obra. (LUKÁCS, 1970, p. 113).

O grande mérito de Lenin é ter vislumbrado a atualidade da revolução melhor do que outros líderes bolcheviques e com isso realizou a teoria marxista. Nessa previsão, Lenin orientou-se pela sua teoria da astúcia da revolução e de que o homem político deve ser capaz de lançar mão dessa astúcia e pensar que “a atualidade da revolução significa, assim, que cada problema atual em sua singularidade deve ser considerado em relação à totalidade histórico-social e visto como um momento da emancipação do proletariado” (LUKÁCS, 1975, p. 15). Aqui aparece o tema da totalidade, um dos temas centrais de *História e consciência de classe*, e Lukács vê em Lenin o modelo de político que é capaz de captar o sentido da totalidade social e, assim, coloca suas próprias teorias na vanguarda da ação revolucio-

⁵ “Apenas em um caso, quando na revista *Kommunismus* de Viena eu tinha me pronunciado contra a participação dos comunistas no parlamento, Lenin mencionou em um artigo – que, observe-se, era dirigido sobretudo contra Béla Kun - o fato de que eu tinha escrito sobre o assunto um artigo muito radical e anti-marxista. Esta opinião de Lenin foi extremamente instrutiva para mim. O parlamentarismo visto no contexto da história mundial, é uma etapa superada: isso não significava porém que o atraso do desenvolvimento histórico permitisse ignorar a tática do parlamentarismo. Para mim, esta foi uma grande lição.” (LUKÁCS, G. “Su Lenin e il contenuto attuale del concetto di rivoluzione”, cit., p. 48). Sobre a antipatia de Lenin por Bela Kun, cf. LUKÁCS, G. *Pensiero vissuto*, cit., p. 100.

⁶ “Confesso que também compreendi somente mais tarde o poderoso significado teórico desta obra [*Estado e revolução*]. Os verdadeiros anos de aprendizagem obrigatória começaram com a ditadura [do proletariado na Hungria] e depois o seu colapso”. (LUKÁCS, G. *Pensiero vissuto*, cit., p. 69)

⁷ “[O] retrato intelectual de Lenin representa um progresso em relação a *História e consciência de classe* na medida em que ao voltar a atenção sobre este grande modelo ajudou-me a compreender o conceito de práxis segundo uma conexão mais autêntica, ontológica e dialética, com a teoria.” (LUKÁCS, G. “Prefazione del 1967” a *Storia e coscienza di classe*. Tr. it. G. Piana. Milano: Sugar, 1978. p. xxxv-xxxvi).

nária, ultrapassando todas as outras que não conseguem captar esse sentido de totalidade. Consequência dessa capacidade de previsão da atualidade da revolução é a organização do partido, que deve reunir as próprias energias precisamente na realização da ação revolucionária. Lukács adere à organização bolchevique e também ao sectarismo revolucionário, exatamente por causa da iminência da revolução.

Já no opúsculo escrito na juventude, Lukács reconhece em Lenin a capacidade de interpretar dialeticamente o fator humano no cerne da organização revolucionária do Partido Comunista. Exige-se do partido um alto grau de consciência de classe, embora este seja sempre determinado pelo ser social⁸. É reconhecida também a superioridade da teoria do imperialismo de Lenin em relação à de Rosa Luxemburg, e que consiste no fato que ele consegue coligar a teoria com a análise concreta da situação histórica que lhe é contemporânea e a complexidade do processo de realização do imperialismo. Ao mesmo tempo, porém, Lenin entreve a possibilidade concreta e prática de um movimento de emancipação dos povos submetidos à dominação imperialista e, nesse sentido, sua teoria foi imediatamente prática e representou um momento de superação da teoria do próprio Marx. É certo que, mais de quarenta anos depois, e após a Segunda Guerra Mundial, Lukács reconhecerá que a teoria do imperialismo de Lenin não era eterna e que, mesmo depois do conflito mundial, o imperialismo crescia e isso não comportava o perigo de um conflito com a União Soviética.

Mesmo na teoria do Estado, Lenin soube continuar o trabalho teórico de Marx e Engels. Além de analisar a estrutura do Estado burguês, Lenin fez do Estado uma arma nas mãos do proletariado para combater a burguesia, que apesar de derrotada pela Revolução de Outubro, permanece a classe mais poderosa. Em Lenin revela-se uma Realpolitik, ou seja, uma análise realizada segundo o método do materialismo dialético de Marx e a intuição, que elimina qualquer utopismo, de todas as tendências presentes na sociedade. Assim, o “comunismo de guerra”, medida provisória, mas inevitável, uma medida a ser adotada em *estado de emergência*,

⁸ Mesmo em suas últimas formulações voltará a este tema da maturidade da consciência de classe, explicitando que Lenin “concordando plenamente com Marx, identifica uma verdadeira luta de classes, uma genuína consciência de classe proletária, só onde venha à luz conscientemente a prioridade do político. Por isso pede que ao lado da organização dos operários haja uma organização de revolucionários” (LUKÁCS, G. *Ontologia dell'essere sociale*, parte II, cap. III: “Il momento ideale e l'ideologia”, § 3, tr. it. A. Scarponi. Roma: Editori Riuniti, 1982. p. 502).

não era considerada por Lenin uma forma de socialismo (LUKÁCS, 1968, p. 22-23), ainda que tal medida econômico-política fosse tomada com o único propósito de construir o socialismo, como de fato aconteceu. Ele considerava socialista toda medida econômica que permitisse ao proletariado dominar o instrumento de produção mais avançado, a indústria pesada. Naturalmente favorecer a indústria pesada não significava abandonar a produção agrícola que foi incrementada pela NEP, que por sua vez não era a continuação do “comunismo de guerra”, mas exatamente o seu contrário.

Lenin não foi um político realista, no sentido de astuto, mas realista no sentido de que soube captar e compreender as tendências sociais que podiam facilitar e apoiar a luta do proletariado. O compromisso também se estabelece ao fazer alianças com outras classes sociais na luta contra a burguesia, porque se o proletariado não pode escolher as condições para começar a luta com a burguesia, pode ao menos escolher seus aliados nesta luta. “Para Lenin, ao contrário, o compromisso provém diretamente e logicamente da atualidade da revolução, se essa revolução, em cada país assim como no mundo todo, pode eclodir de um momento para o outro, sem que, no entanto, esse momento possa ser exatamente pré-determinado” (LUKÁCS, 1975, p. 100). Compromisso, para Lenin, é também contrair a análise concreta das situações concretas no processo histórico atual: “A justa unificação dialética do geral e do particular, a individuação do geral (da tendência fundamental e geral da história) no particular (na situação concreta), a consequente concretização da teoria é, portanto, a ideia fundamental desta teoria do compromisso” (LUKÁCS, 1975, p. 102). Portanto, para Lukács, Lenin nunca definiu as leis gerais do processo revolucionário e, antecipando a crítica à Stalin de trinta anos depois, Lukács chama de “leninismo vulgar” qualquer pretensão de encontrar no pensamento do revolucionário russo, regras gerais, como por exemplo, a economia planejada, que Lenin jamais considerou uma medida típica da economia socialista⁹.

Todo problema na construção do socialismo deve ser enfrentado dentro do partido, que representa não apenas o sujeito revolucionário prático, mas também teórico. Por esta razão, as discussões, os confrontos, as dissensões são extremamente úteis e fecundas para a análise e a busca de

⁹ Cf. LUKÁCS, G. *La democrazia della vita quotidiana*. Tr. it. A. Scarponi. Roma: Manifestolibri, 2013. p. 62. Trata-se da segunda edição italiana do famoso ensaio sobre a *Demokratisierung*.

soluções para as questões postas pela construção do socialismo. Então, em última análise, Lukács encontra em Lenin o melhor uso, ou melhor, um novo uso, do método materialista e dialético do marxismo, pelo qual traz do estudo da coerência do seu pensamento uma lição: “Se a atual tarefa dos comunistas é seguir adiante no sentido do leninismo, esse prosseguimento pode frutificar somente se houver um esforço de referir-se a Lenin, do mesmo modo pelo qual Lenin se referiu a Marx.” (LUKÁCS, 1975, p. 109). O modelo leniniano é aquele do procedimento tradicional do marxismo: descobrir no universal o particular, entrever o novo no velho, compreender a unidade dialética dos contrários.

Lukács, em 1933, fala de um seu terceiro momento de aproximação com Marx sob a influência de Lenin, influência iniciada justamente durante o período de exílio em Viena¹⁰. Em 1934, no brilhante ensaio “Arte e verdade objetiva”, é possível perceber os primeiros sinais de uma leitura mais profunda dos ensaios do Lenin pré-Outubro, do Lenin de *Materialismo e empiriocriticismo*, do Lenin filósofo mais do que do revolucionário e político. Acredito que se possa falar de um terceiro momento: depois das primeiras aproximações dos anos anteriores à morte de Lenin e o sucessivo período do “livrinho” *post-mortem*; este terceiro período é o da influência de Lenin sobre o materialismo de Lukács, que, de fato exprime-o com um jogo de palavras, ou melhor, de sinais gráficos, em *Existencialismo ou marxismo?* que é de 1947:

A ideologia dos autores do *Manifesto Comunista* é um materialismo dialético e histórico, enquanto que na época em que se situa a atividade de Lenin, o centro de gravidade do problema se desloca: a evolução do pensamento agora está centrada em um *materialismo* dialético e histórico¹¹.

Lukács com este jogo gráfico quer indicar que o problema do materialismo é mais central na teoria de Lenin do que em Marx e Engels, enquanto que para os fundadores do marxismo prevalecia o problema da interpretação materialista da história e do método dialético. Não que em

¹⁰ Cf. LUKÁCS, G. La mia via al marxismo. Tr. it. U. Gimmelli. In: _____. *Marxismo e politica culturale*. Torino: Einaudi, 1977a. p. 14. Atente-se que este ensaio tem um post-scriptum de 1957, portanto depois da morte de Stalin e a Revolução de 1956 com importantes modificações de Lukács em sua opinião sobre Stalin.

¹¹ LUKÁCS, G. *Esistenzialismo o marxismo?*. Tr. it. F. M. Ausilio. Acquaviva delle fonti: Acquaviva, 1995. p. 247 [A tradução foi feita da edição francesa e não do original alemão].

Lenin o problema da dialética seja deixado de lado, pelo contrário, a dialética serve para renovar o materialismo, torná-lo uma ferramenta ainda mais poderosa de interpretação da realidade que o idealismo e o velho materialismo burgueses. Lukács usa este Lenin como modelo para confrontar com as teorias filosóficas do idealismo burguês.

Precisamente deste Lenin, Lukács retoma a teoria do reflexo, que manterá por toda a sua produção filosófica subsequente, até a morte. Primeiro, o reflexo mecânico, absoluto, rígido e subjetivo, típico da filosofia burguesa, é rejeitado por Lukács seguindo indicações precisas de Lenin em favor de um reflexo vital, sensível, capaz de compreender a transformação da realidade concreta, sobretudo da totalidade da realidade, ou seja, colocando em conexão dialética a economia e a lógica com a qual o homem reproduz em sua mente a transformação da realidade. Este processo de reprodução dialética é realizado mediante uma abstração objetiva da realidade, feita pelo sujeito cognoscente no ato de conhecer, mas mantendo nesta abstração todas as relações existentes dentro da realidade. O universal resultante deve ser entendido como uma síntese dialética, que tem uma direção - precisamente *uni-versum-*, a da transformação da realidade. O absolutismo do reflexo burguês era exatamente a abstração da direção objetiva da realidade concreta, era uma sobreposição exaltada ou mística de uma pressuposição subjetiva à realidade objetiva. Desta concepção leniniana compreende-se a condenação do jacobinismo político e das suas consequências mais brutais, como o Terror, que caracteriza o Lukács marxista, assim como contra-distingue o Lenin político.

Desta forma, penetrando profundamente na incompletude da reprodução mental da realidade, seja no reflexo imediato dos fenômenos, seja nos conceitos e nas leis (quando considerados unilateralmente, não dialeticamente, quando não são considerados no processo infinito de sua dialética ação recíproca), Lenin chega a superar materialisticamente todas as falsas impositões da gnosiologia burguesa. Toda gnosiologia burguesa, de fato, enfatizou unilateralmente a prioridade de um único modo de compreender a realidade, de *um único* órgão de sua reprodução na consciência. Lenin por sua vez apresenta concretamente o cooperar dialético no processo cognitivo. (LUKÁCS, 1977b, v. I, p. 147).

É preciso considerar que Lukács fala de superação “das falsas im-
postações da gnosiologia burguesa” não da “incompletude da reprodução
mental”, isto é, o reflexo não reproduz inteiramente a realidade objetiva,
resta sempre uma diferença entre realidade e conhecimento da mesma por
parte do homem. Continua, portanto, válida a dúvida cartesiana sobre a
capacidade cognitiva do homem.

Tem-se, no entanto, uma nova consciência: a realidade material
é mais rica do que qualquer conhecimento possível que dela tenhamos,
tanto assim que o conhecimento é um processo infinito, mas neste pro-
cesso a filosofia deve manter sua própria autonomia em relação às ciências,
ainda que delas retome os resultados das investigações. A única certeza é
que entre o reflexo e a realidade há uma dialética dos opostos e os opostos
são o ideal e o real, tal como Hegel já os tinha compreendido. Há uma
antinomia superada pela teleologia, isto é, no momento em que a ideia
por meio da práxis passa pela realidade e a transforma conforme as leis da
própria realidade. Esta estrutura, presente na *Lógica* hegeliana é a mesma
estrutura do trabalho produtivo do qual Lukács fala pela primeira vez em
Existencialismo ou marxismo?, mas que irá desenvolver de forma mais am-
pla na *Ontologia do ser social*.

Retomando a questão leniniana, se a representação, inclusive a ar-
tística, ou o pensamento, sejam mais próximos à realidade, Lukács argu-
menta que a resposta pode ser encontrada em um terceiro e mais elevado
momento comparado à representação e ao pensamento, isto é, na práxis, na
ação produtiva de uma nova realidade. A práxis começa a partir do conheci-
mento da dialética entre ideal e real, e termina na construção de uma nova
realidade, que porém será sempre diferente da realidade ideal e obedecerá
mais às leis fenomênicas da realidade material. Para esta concepção da práxis,
Lukács baseia-se na obra política de Lenin, que tinha consciência de que o
comunismo que ele estava começando a construir na União Soviética, não
era exatamente a cópia real de seu ideal político, mas sim a síntese entre a
realidade russa e a ideal que ele queria realizar, era contuso, um resultado
objetivo da ação política, onde o ideal servia como princípio orientador da

ação real: “Ele compreende, correta e profundamente, o objetivismo do materialismo dialético como objetivismo da práxis, da *partiticidade*¹².”

Para aqueles que continuam a considerar Lukács um stalinista, lembro que a contraposição entre Stalin e Lenin era feita por Lukács mesmo em anos insuspeitos, ou seja, em pleno stalinismo. Em 1934, sobre o propósito da *partiticidade* na obra de arte, Lukács escreveu:

Esta representação de uma vida que é tanto mais rica e mais claramente articulada e ordenada de quanto sejam em geral as experiências da vida humana, está estreitissimamente coligada com a função social ativa, com a eficácia da propaganda das obras de arte autênticas. Os artistas são “engenheiros das almas” (Stalin) antes de tudo porque têm a capacidade de representar a vida nessa unidade e movimento. De fato, é impossível que essa representação seja a morta e falsa objetividade de uma reprodução “imparcial”, sem tomada de posição, sem tendência, sem o apelo à atividade. Sabemos já por meio de Lenin que esta *partiticidade* não é arbitrariamente colocada no mundo exterior pelo sujeito, mas é em vez disso uma força motriz intrínseca à própria realidade, a qual é trazida à consciência e introduzida na práxis através do correto, dialético reflexo da realidade. (Ivi, p. 161).

Um leitor atento, ou melhor, um leitor que queira estar atento, percebe que, mesmo citando Stalin, Lukács o contrapõe a Lenin, que sobre a *partiticidade* argumenta exatamente o contrário de Stalin; isto é, que o que o artista deve representar é a vivacidade da vida, fazendo parte dela, enquanto que o engenheiro da alma deve construir de forma calculada, ou seja, friamente, a representação da realidade e, em seguida, sobre o subjetivismo, como mostrarei mais tarde, afirma teses opostas ao stalinismo.

A representação artística da realidade é a construção de uma nova realidade que está diante dos olhos do fruidor da obra de arte, que, conforme a intenção do artista, deveria reviver dentro da obra de arte o transformar-se da realidade representada, como se ele próprio participasse dela. A concepção da arte de Lukács marxista está totalmente impregnada do pensamento político leninista; a política entrou na fruição estética da arte, porque no fundo, a arte é construção e comunicação de uma realidade

¹² LUKÁCS, 1977b, v. I, p. 149. Em *Existencialismo ou marxismo?* Lukács também sustentará a *partiticidade* leninista nas questões gnoseológicas (cf. p. 260).

vivida, é um estar juntos em uma dimensão comum tanto ao artista quanto ao espectador, ambos fazem parte de uma totalidade:

“Todavia, a tarefa do formar artístico é fazer de modo que este recorte não opere como recorte de uma totalidade, assim que para compreendê-lo e para que tenha eficácia, seria necessário o contexto com todo o seu ambiente espaço-temporal, mas ao contrário, que tenha o caráter de um todo, ou não tenha necessidade de nenhuma integração do exterior. (Ivi, p. 170).

O fruidor, portanto, ao contrário de quanto acontece na arte contemporânea, não deve completar a obra, mas ser partícipe dela, porque a obra já é uma totalidade real e objetiva, como se fosse a comunidade política a que pertence porque está inserida nela. Mas, sendo um único fruidor, ainda que confrontasse a sua interpretação com a de outros fruidores, a compreensão da obra seria sempre uma aproximação da verdade da obra, cuja verdade não pertence nem mesmo ao artista. A obra de arte é um fato em si, que representa a intenção do autor, mas que é compreendida pelos fruidores; ela é o centro da troca ideal entre o artista e os fruidores, os quais, por sua vez, podem trocar opiniões e interpretações em relação à mesma; a obra de arte forma uma comunidade, um todo, entre os seres sociais.

Até 1956 Lukács é forçado a falar sobre Lenin sempre sob o manto do stalinismo dominante, ainda que de forma dissimulada consiga contrapor Lenin a Stalin, como vimos. Depois de 1956 e, portanto, nos anos de sua velhice, seu julgamento sobre Lenin torna-se mais livre e objetivo, mais que isso, é importante notar como Lukács sinta a necessidade de estabelecer um confronto entre Lenin e Stalin para revelar mais claramente os desvios de Stalin em relação a Lenin, desvios que sobre alguns pontos teóricos são verdadeiras traições do autêntico pensamento leninista. Lukács afirmava com razão que a relação entre Lenin e Stalin é

uma questão decisiva quando se quer, de um lado, julgar corretamente em que aspectos Lenin tenha desenvolvido o marxismo e [de outro] em que aspectos Stalin tenha deformado o marxismo-leninismo. Para esclarecer a questão, seria necessário naturalmente estudar

com cuidado as obras de Lenin, sobretudo no período de 1917 até sua morte, e evidenciar o contraste com Stalin¹³.

Mas a distinção entre os dois líderes bolcheviques contribui também para o esclarecimento dos papéis opostos que os dois desempenharam no que diz respeito ao desenvolvimento da revolução bolchevique, e também para a defesa da obra de Lenin frente à crítica da historiografia burguesa:

O interesse da ideologia burguesa tem um peso considerável para fazer recair sobre Lenin as deformações stalinianas da democracia no socialismo. Tanto as orientações burocráticas que buscam conservar os princípios de Stalin quanto as ideologias da “guerra fria” contrárias a eles, compartilham da tendência de reconduzir o máximo possível a Lenin a teoria e a prática de Stalin. Somente uma crítica marxista da atividade de Stalin pode evidenciar a descontinuidade teórico-prática que na realidade existe entre eles. Tal crítica mostraria, inclusive no plano histórico, como Stalin justamente sobre as grandes questões estratégicas, não tenha tido de fato uma linha mais leniniana do que aquela de seus sucessivos opositores. (LUKÁCS, 2013, p. 67-68).

Falar, portanto, da influência de Lenin sobre o velho Lukács significa inevitavelmente analisar também a crítica de Lukács a Stalin. Quase sempre, quando Lukács critica Stalin, o ponto de partida é compará-lo a Lenin, e é uma escolha cautelosa, porque questiona uma fonte de legitimidade de Stalin: o fato de considerar-se o melhor herdeiro de Lenin. Lukács, no entanto, aponta que sobre as grandes questões políticas enfrentadas por Stalin, ele nunca seguiu os ensinamentos de Lenin, pelo contrário, muitas vezes tomou decisões opostas às de Lenin.

Um dos desvios é com relação ao papel dos sindicatos na União Soviética. Lenin era a favor de sindicatos independentes do Partido Comunista e do governo soviético, enquanto Trotsky queria colocá-los sob o controle do partido e do governo. Lenin afirmava a sua tese, porque a crítica, que eventualmente os sindicatos poderiam levar à política do Estado, poderia enriquecer o partido e teria desenvolvido uma obra de

¹³ LUKÁCS, G. Carta de 29 de dezembro de 1963 a W. Hoffmann. In: LUKÁCS, G.; HOFFMANN, W. *Lettere sullo stalinismo*. Editado por A. Scarponi. Gaeta: Bibliotheca, 1993a. p. 45.

controle e de contenção da ação governativa. Após a morte de Lenin e da tomada de poder por Stalin ocorre a liquidação da linha política de Trotsky; e também, na política sindical é realizada a proposta de Trotsky, exatamente para aumentar o poder de controle social do partido e do governo. Lukács comentou sobre este ponto: “Aqui, gostaria de observar que, para uma exposição correta do problema inclusive a lenda ocidental de uma oposição metodológica entre Trotsky e Stalin deveria ser destruída.”¹⁴ Em uma entrevista, declarou: “como ideólogo, apóio a necessidade de retornar à linha de Lenin. Mas isso ainda não aconteceu em nenhum país socialista” (LUKÁCS, 1974c, p. 25). Nenhum país do socialismo real, portanto, tinha colocado em prática a proposta de Lenin na política sindical, que não é um ponto secundário da sociedade socialista.

Por outro lado, para Lenin a oposição sindical não se deu apenas sobre a independência do sindicato, mas também na formação da consciência socialista. Lukács é muito preciso no uso dos termos: “Não por acaso Lenin disse, em ‘*O que fazer?*’, que no proletariado pode surgir espontaneamente apenas uma ‘consciência sindical’. A consciência socialista deve ser levada ‘de fora’ para a classe operária, e essa é a função da ideologia.” (Ivi, p. 16). “Consciência sindical” significa consciência dos próprios direitos sobre o trabalho, mas isso não quer dizer consciência do fim da luta política de classe, isto é, “a consciência do socialismo”. Os sindicatos independentes defenderiam os interesses do mundo do trabalho, eventualmente também contra o partido, portador da “consciência socialista”, no curso da edificação do socialismo. Em suma, Lenin não queria que o objetivo final se servisse dos meios com os quais poderia ser alcançado, a sua posição era antimaquivélica. De fato, no socialismo, o trabalho deveria se transformar em jogo – como algo prazeroso – e não manter a sua natureza alienante. Mas isso aconteceu em algum país do socialismo real? Lukács, portanto, aprecia em Lenin a busca de opiniões diferentes e a crítica como momentos de contribuição na fase de construção do comunismo; o sindicato deveria estimular, por um lado, e controlar, por outro, a ação do partido e não permanecer, como aconteceu com Stalin, sob o controle do partido, um mecanismo da burocratização da vida social da URSS, justamente o que Lenin sempre tentou evitar.

¹⁴ LUKÁCS, G. Lettera del 11 aprile 1964 a W. Hoffmann. In: LUKÁCS, G.; HOFFMANN, W. *Lettere sullo stalinismo*, cit., p. 53.

Lukács lembra que não só a burocracia sindical se opôs a Lenin sobre este ponto da ideologia que penetra na consciência da classe trabalhadora, mas também “a própria Rosa Luxemburg escreveu, certa vez, um artigo contra essa concepção de Lenin.”¹⁵ A concepção leninista de consciência introduzida de fora era o resultado de uma análise marxista do movimento interno à sociedade civil, ou seja, a constatação de que até mesmo alguns membros de uma classe social inimiga do proletariado poderiam militar no movimento operário, porque eles lutavam por valores éticos superiores, capazes não só de defender os próprios interesses de classe, mas também de representar os valores éticos da classe adversária, como valores autenticamente humanos, portanto, o antagonismo de classe podia ser superado em uma posição política superior: “Só assim, como Lenin reconhecia, o legado ético do desenvolvimento humano tornar-se-á praticamente atual.” (LUKÁCS, 1977c, p. 147). Naturalmente, a consciência de classe do proletariado é uma ação espontânea que surge em reação à própria posição de classe e na unidade no curso da luta de classes. A partir desta fase “embrionária” de consciência é transplantado um processo de devir da consciência, uma forma de amadurecimento da consciência política, que contudo permanece sempre ligada às aquisições espontâneas. Contrariamente, o membro da burguesia que se juntou ao movimento operário revela uma capacidade de superar essas aquisições e se encontra, paradoxalmente, mas logicamente, em um nível de consciência superior ao espontaneísmo proletário.

Com relação ao partido, a posição de Stalin era oposta à de Lenin e para Lukács a partitividade era um ponto crucial da política bolchevique. A explicação vem nas palavras do próprio Lukács. Segundo o qual a posição stalinista é

como se a partitividade significasse apenas que a arte deve ilustrar, de uma forma ou de outra, esta ou aquela resolução do partido. Na minha opinião, a partitividade é uma tomada de posição espontânea do homem e, conseqüentemente, também da arte e da cultura. [...] A partitividade é uma manifestação espontânea da vida humana, da vida e não apenas da

¹⁵ Ivi, p. 17. Em *História e consciência de classe* Lukács apresenta outro motivo para a oposição entre Lenin e Rosa Luxemburgo: “A oposição entre Lenin e Rosa Luxemburg, portanto, consistia no problema se a luta contra o oportunismo, sobre a qual concordavam tanto no nível político quanto no dos princípios, fosse uma luta espiritual a ser realizada dentro do partido revolucionário do proletariado, ou se devesse ser decidida em nível organizacional” (p. 351).

arte, como eu mesmo oriento a minha vida cotidiana através da aceitação de algumas coisas e a rejeição a outras. (LUKÁCS, 1974d, p. 102).

Para Stalin, a partiticidade era a afirmação no mundo espiritual da centralidade do partido, enquanto Lenin, e Lukács com ele, entendia por partiticidade o tomar parte, o participar espontaneamente no mundo humano, portanto espiritual, segundo a própria personalidade, o *parteggiare*¹⁶. Na verdade, a partiticidade é o campo de livre expressão da personalidade madura e opõe-se à objetividade:

o objetivismo dos estudiosos burgueses refere-se a um certo tipo de determinismo, que pode se transformar em uma apologética dos fatos considerados necessários, a partidarietà materialista investiga os acontecimentos de uma forma mais profunda e concreta, a partir de suas forças motrizes reais, é mais rigorosamente objetiva que “objetivista”, valoriza a objetividade de forma mais profunda e completa. (LUKÁCS, 1977d, p. 125).

Assim, enquanto Lenin considerava as obras de arte do ponto de vista da objetividade, valorizando Puskin ou Cernysevskij, ou seja, com o devido respeito à cultura burguesa, Stalin valorizava o general czarista Suvorov, unicamente porque ele tinha se oposto a Napoleão, permitindo a um regime brutal, como o czarismo, continuar sua dominação sobre as massas russas. É claro que a escolha de Stalin em favor de Suvorov e contra Puskin ou Cernysevskij era orgânica à sua concepção da política de dominação sobre as massas soviéticas. Para manutenção de tal domínio Stalin chegou a modificar ou censurar os textos do próprio Lenin, como lembra Lukács sobre a partiticidade da literatura:

Eram falsamente interpretadas e até mesmo falsificadas as orientações de Lenin, ou melhor, seus textos. Um exemplo particularmente explícito é o ensaio de Lenin em 1905 sobre a literatura de partido, do qual resulta uma diretriz para a orientação ideológica da literatura, embora a esposa e colaboradora de Lenin, N. Krupskaja, já na década de trinta declarasse que aquele texto não se referia de fato à literatura.¹⁷

¹⁶ Este é um outro ponto comum entre a visão política de Lukács e de Gramsci (cfr. GRAMSCI, A. “Indifferenti”, in Id., *La città futura*, cit., p. 13-15).

¹⁷ LUKÁCS, G. Carta de 11 de abril de 1964 a W. Hoffmann, em G. Lukács-W. Hoffmann, *Lettere sullo stalinismo*, cit., p. 54.

A partiticidade staliniana esconde o juízo moral, mas o grande prestígio que Lenin tinha na URSS só permitiu a Stalin instaurar o seu domínio através de um lento processo de distanciamento das massas da vida política, de liquidação da participação popular na política.

A comparação entre as escolhas artísticas de Lenin e de Stalin nos coloca frente à questão da objetividade:

Lenin, aqui, enfatiza com grande vigor o lado objetivo da partiticidade, ou melhor, exige que o estudioso do partido supere o seu adversário exatamente do lado da objetividade. Somente com Stalin tem-se que o “objetivismo” é um insulto. Nos clássicos, portanto, a posição social, a classe à qual pertence o escritor não é negada, mas conscientemente conduzida a reencontrar-se com a investigação objetiva sobre a realidade.¹⁸

Os clássicos são, portanto, leituras que não morrem, atemporais, eternos, porque descrevem objetivamente a realidade humana, *participando* do mundo a que pertenciam, são autênticos. O Stalinismo, no entanto, negava a autenticidade do indivíduo. Mas Stalin não era marxista, porque “Lenin, ao tratar da partiticidade [...], disse que o marxismo é caracterizado, por um lado, pela capacidade de representar a sociedade de forma mais objetiva que a ciência burguesa e, por outro lado, pelo fato de que através desta objetividade ele ao mesmo tempo assume uma posição.”¹⁹ O marxismo é a ciência objetiva da sociedade burguesa e assume uma posição, luta contra essa sociedade, porque é capaz de conhecê-la em sua verdadeira essência: “Lenin acredita, com razão, que a partiticidade assim expressa pode atingir um nível de objetividade ainda maior do que o puro objetivismo.” (LUKÁCS, 1982, v. II, t. II, cap. III, § 2, p. 428). A superação do mero objetivismo é no fundo a própria ação do homem político na luta política. O objetivismo era condenado pelo stalinismo, que privilegiava o subjetivismo, outra atitude psicológica tipicamente burguesa, de domínio.

¹⁸ LUKÁCS, G. Carta de 22 de agosto de 1964 a W. Hoffmann, em G. Lukács-W. Hoffmann, *Lettere sullo stalinismo*, cit., p. 60.

¹⁹ LUKÁCS, G. Il cinema e la cultura ungherese. In: _____. *Cultura e potere*, cit., p. 61. Lukács faz da partiticidade leniniana também um critério para julgamento das obras de arte: “Já em Lenin e Engels pudemos ver como a partiticidade na obra de arte seja uma parte integrante da realidade objetiva e do seu reflexo artisticamente correto e objetivo”. E então justifica a sua condenação da arte como propaganda imediata pelo fato de que esta “negligencia em sentido leniniano da partiticidade” (LUKÁCS, G. *Arte e verdade objetiva*, cit., p. 166).

Então, por que Stalin está tão longe de Lenin, de quem se intitulava o herdeiro? Neste caso Lukács também nos dá uma resposta satírica na sua drasticidade: “Cada classe revolucionária herda os defeitos e as virtudes da velha sociedade, e tudo depende da energia com que ela é capaz de eliminar os defeitos... Eis aí a enorme diferença entre Lenin e Stalin” (LUKÁCS, 1974e, p. 64). Stalin continuou a manter os defeitos da sociedade burguesa, Lenin superou-os.

Em geral, no velho Lukács é relevante também a estima sobre o homem Lenin, sobre o político especialista que podia lidar com os problemas da vida cotidiana do ponto de vista da concretude das situações vividas. O ascetismo revolucionário era muito distante do estilo de Lenin como revolucionário. Não desprezava a dedicação total à práxis revolucionária, mas não entendia essa dedicação como a única atividade cotidiana do revolucionário, nem mesmo requeria aos demais, sejam eles revolucionários ou simples cidadãos, uma participação ascética na práxis revolucionária. Cada uma devia participar segundo suas próprias capacidades e segundo as próprias necessidades, para dizer com o léxico de Marx, para compreender como desde os fundadores do marxismo, até o maior político revolucionário marxista do século XX, nunca se tenha requerido uma cega participação revolucionária *perinde ac cadaver*. A revolução requer, sem dúvida alguma, uma participação moral, uma tomada de posição, a partitividade como mencionada acima, mas não o ascetismo, porque ela se transforma facilmente em sectarismo, que é a reação infantil às contradições que podem suscitar um processo revolucionário. O sectarismo é uma das atitudes tipicamente burguesas características da era de Stalin e que geralmente é assumido por quem está no poder contra aqueles que criticam esse poder. Lenin sempre se alinhou com a posição crítica, para aqueles que promoviam críticas, dignos de réplicas ou de consenso, era uma estratégia moral que permitia aliar-se com elementos ou facções que não eram totalmente hostis à revolução proletária, ou até mesmo para alcançar objetivos políticos que não eram genuinamente socialistas e que podiam ser implementados também na sociedade burguesa, como por exemplo a concessão de terras e a paz (LUKÁCS, 1974b, p. 170; 1982, cap. III, § 3, p. 486). Uma das suas preocupações era que a evolução da revolução fosse tão rápida a ponto de ser incompreensível para os homens que dela parti-

cipavam, ou seja, que o fator humano e subjetivo não fossem capazes de acompanhar a evolução objetiva da realidade.

Isto significa que Lenin considerava sempre presente também o fator subjetivo na ação revolucionária, isto é, os homens que participavam da ação ou que eram o alvo da ação. Lukács recorda: “Sabe-se que a definição de Lenin era de que a situação revolucionária é caracterizada pelo fato de que as classes dominantes não podem governar mais à maneira antiga, as classes oprimidas não querem mais viver à maneira antiga.” (LUKÁCS, 1975, p. 51). Lenin estava ciente de que a dialética histórica oferece as condições objetivas da transformação social, mas muitas vezes essas condições não são suficientes para que a mudança ocorra. O fator subjetivo é precisamente representado pela vontade de transformação, vontade por sua vez determinada pela consciência de que a situação concreta em que se vive não é mais tolerável. Eis porque considerava que o revolucionário deve sonhar, porque o sonho representa uma primeira representação imaginária do desejo de realizar, do que se gostaria no futuro, e que faz com que se empenhe a construir no presente. Na prática Lenin era capaz de perceber as tendências sociais e, ao mesmo tempo, os sujeitos em seu grau de maturidade para tornar factível a guinada revolucionária.

De fato, o último Lukács, do ensaio sobre democratização, indica claramente que o ideal da democracia socialista já tinha sido concebido por Lenin em *Estado e a Revolução*, isto é, antes da Revolução de Outubro, como uma tendência na existência dos seres humanos, e nela a democracia no socialismo real deveria inspirar-se:

Seu objetivo é ocupar realmente toda a vida material de todos os homens, para trazer a expressão social como um produto da atividade pessoal de cada um, desde a vida cotidiana até a questão decisiva de [qual] sociedade. Em tempos agudamente revolucionários, tal movimento de baixo para cima e de cima para baixo surge com espontaneidade explosiva. (LUKÁCS, 2013, p. 64).

A democracia é concebida por Lukács, com base em Lenin como uma práxis cotidiana, uma maneira de manifestar a própria generidade, isto é, o próprio pertencimento ao gênero humano; uma práxis que envolve as instituições a ponto de fazê-las tornarem-se uma presença na vida

cotidiana dos seres humanos, a ponto de colocá-las a serviço dos seres humanos, a ponto de fazê-las desaparecer, porque a práxis democrática tornou-as totalmente implícitas na vida cotidiana. Trata-se de fazer as instituições, ou o Estado, tornarem-se um hábito da vida cotidiana dos seres humanos, como alimentar-se, trabalhar, objetivar a própria humanidade. Em um país democraticamente maduro e evoluído o exercício dos plenos poderes políticos por parte dos cidadãos é considerado um fato completamente normal. Uma vez habituados à democracia desaparece o entusiasmo, ainda que comovente, da participação nas eleições, que se nota nos países que acabaram de sair de uma ditadura ou de uma guerra; habitua-se de tal maneira à democracia que se acaba por não participar das eleições, porque deixou de ser um fato excepcional. Em países democráticos, os cidadãos, conscientes dos próprios direitos, exercem-nos sem parar para pensar, por força do hábito, e exigem o respeito de seus direitos por parte das instituições e do Estado, e, ao mesmo tempo, é claro, respeitam os direitos dos outros e os seus próprios deveres em relação a outros cidadãos, ou ao Estado. Exercita-se a democracia como se respira, sem pensar, por força do hábito, porém esta forma de exercitar os direitos é inerente à natureza humana, mas apenas no socialismo pode-se exercitá-los livremente, sem temor. Para Lukács, Lenin tinha uma concepção positiva da natureza humana, completamente oposta àquela do fundador da ideologia burguesa, ou seja, Hobbes, mas totalmente alinhada com a concepção marxista:

É aqui que a metodologia de Lenin que o une profundamente a Marx e de maneira igualmente radical separa-o de Stalin e de seus sucessores: a ligação orgânica entre o reconhecimento da continuidade de determinadas tendências históricas e reconhecimento da sua necessidade radical de mudança de função nas passagens e subversões revolucionárias. (LUKÁCS, 2013, p. 68).

A mesma dialética entre continuidade e mudança, entre o velho e o novo, a dialética entre os tempos históricos do presente e do passado domina no método do marxismo autêntico de Marx e Lenin.

Pode-se perceber que Lenin dava grande peso ao hábito, isto é, à faculdade humana de con-formarse - ou seja, tomar forma - às situações melhores ou piores: “O hábito pode ser um elemento social de profunda transformação, mas útil ou nocivo dependendo do que se acostuma.”

(LUKÁCS, 2013, p. 123). Naturalmente Lenin preferia que a revolução melhorasse as condições de existência dos homens, porque a finalidade principal da revolução era dar dignidade ao ser humano. Lukács comenta sobre esse papel do hábito: “A dialética interna à teoria leninista do hábito possui a priori uma intenção essencial: contribuir para realizar este domínio do presente sobre o passado.” (LUKÁCS, 2013, p. 66). O presente, se é pleno de sentido para os homens que o vivem, torna-se marxianamente o ponto de perspectiva a partir do qual julgar o passado, a história. “A anatomia do homem e a chave para a anatomia do macaco”, é o lema constantemente citado por Lukács. A mudança, gerada pelo hábito, é uma mudança ontológica, portanto radical, da natureza humana. Parece-me, portanto, excessiva a crítica de Carlos Nelson Coutinho à retomada de Lenin por Lukács: Coutinho tem uma leitura redutiva de Lukács quando ele argumenta que a sua proposta política da época da maturidade se reduzia a um “retorno a Lenin” (COUTINHO, 1996, p. 156). Este retorno a Lenin era uma clara des-legitimação do stalinismo. Coutinho não levando em conta este aspecto expressa uma crítica severa demais contra Lukács e também contra Lenin, porque a grande riqueza do pensamento de Lenin, se retomada na sua totalidade, era suficiente para uma reflexão política ampla e profunda, ontológica e radical. A crítica de Coutinho é claramente condicionada por sua referência política, ou seja, a partir de Gramsci: em Lukács, Coutinho não podia encontrar o que era característico de Gramsci e vice-versa, sobretudo não encontrava em Lukács uma reflexão sobre a política institucional, isto é, que pudesse ser uma teoria comunista do Estado.

Ainda que tenha feito tanto em sua vida, Lenin sempre refletia profundamente e não pateticamente com os próprios erros e com o dos outros, porque compreendia o quão relevante fosse o fator subjetivo e humano na ação revolucionária (LUKÁCS, 1970, p. 121) e muitas vezes encontrou forte oposição a esta maneira de pensar. Mesmo dentro do grupo dirigente do partido bolchevique. O partido, de acordo com Lenin, tinha precisamente a função de dirigir a não-vontade, ou melhor, a vontade de negação, do que a situação existencial em direção à guinada revolucionária, caso contrário, é possível, também, uma guinada em sentido reacionário. No fundo Lenin estava consciente de que a revolução deve ser feita com o material humano que foi construído pelo capitalismo, porque

o socialismo não tendo ainda se realizado não construiu um tipo humano seu. Os homens são parte da situação concreta e, portanto, uma análise concreta dos homens, até mesmo do nível de miséria a que estão submetidos, se inclui entre as tarefas do partido e dos intelectuais revolucionários, como foi Lenin. Sua atitude humana o diferenciava profundamente de Stalin: Lenin sempre mantinha posições políticas separadas de suas atitudes humanas, por isso não compartilhava das posições revolucionárias de Bukharin e Trotsky, mas expressava um julgamento positivo e lisonjeiro sobre a personalidade deles, para enfatizar que o julgamento humano nunca deve invalidar o revolucionário. Esta atitude pessoal nos permite dizer que não teria utilizado medidas extremas, como a eliminação física, contra seus opositores, medida que Stalin, ao contrário, utilizou constantemente. Stalin, porém, exaltava suas habilidades negativas justamente nas situações de extremo contraste. Outro aspecto da personalidade de Lenin que Lukács enfatiza é o estóico “estar preparados” (LUKÁCS, 1970, p. 127) sempre, estar prontos para a ação, mais do que participar, mas sempre conduzidos por uma profunda consciência da situação no âmbito da qual agir.

O outro ponto fundamental de divergência entre Lenin e Stalin é quanto às relações entre tática e política da ação revolucionária; divergência altamente significativa para Lukács porque era uma consequência direta da concepção leniniana da concretude da ação revolucionária. Lenin considerava que qualquer decisão política devia partir da consciência concreta da situação concreta, dentro da qual acontece a ação revolucionária. O homem político, portanto também o revolucionário, que atua na realidade deve interagir concretamente com ela. Em seu ensaio de 1934, isto é, do incipiente consolidar-se da ditadura stalinista, Lukács indica que

a obra de arte deve operar como um todo concluído, da mesma forma que nela deve ser reconstituída de modo imediatamente sensível a concretude da realidade objetiva, isto significa dizer que nela devem ser representadas em suas inter-relações e em suas unidades todas as determinações que objetivamente tornam concreto o concreto. (LUKÁCS, 1977b, p. 170-171).

A tarefa do artista é a mesma que a do político, como é Lenin, ou seja, ser capaz de compreender a realidade concreta e resolver problemas concretos de que a realidade concreta lhe apresenta.

Naturalmente que o conhecimento concreto da situação é precedido e seguido por elaborações teóricas que contribuem para a mediação dialética entre teoria e práxis:

A sua força teórica [de Lenin] se apoia no fato de que ele considera qualquer categoria - não importa o quão abstratamente filosófica - a partir do ponto de vista da sua eficácia dentro da práxis humana e, ao mesmo tempo, faz a análise concreta da situação concreta dada ao longo do tempo, sobre a qual se baseia constantemente cada ação sua, em uma conexão orgânica e dialética com os princípios do marxismo. Assim, ele [é] um profundo pensador da práxis, um homem que converte apaixonadamente a teoria em prática, um homem cujo olhar penetrante está sempre voltado para o ponto em que a teoria penetra na práxis e práxis na teoria. (LUKÁCS, 1978, p. xxxv-xxxvi).

Stalin, porém, que pecava pela mediocridade na elaboração teórica, deixava passar como “naturais” as suas decisões, como se fossem óbvias consequências das teorias marxistas-leninistas. Lukács enfatiza a capacidade dialética de Lenin de unir teoria e prática, e frente a essa capacidade destaca-se claramente a rudeza política de Stalin, absolutamente carente de qualquer conhecimento do método dialético.

Lukács lembra que Lenin estudou cuidadosamente os grandes avanços da ciência moderna de seu tempo, sobretudo em física, mas nunca afirmou que o marxismo deveria guiar a pesquisa científica, já que Marx não havia elaborado uma teoria no campo das ciências naturais, mas no das ciências sociais.

Em Lenin podemos perceber essa dialética concreta do justo e do injusto, para a qual não existe uma regra geral para deduzir se, por exemplo, um professor universitário tenha ou não o direito de ocupar a sua cátedra. Lenin nunca considerou o marxismo uma antologia de dogmas válidos de uma vez para sempre, mas como a primeira teoria justa sobre a sociedade, teoria desenvolvida em estreita ligação com o desenvolvimento social, que, tal como se desenvolveu, pode também regredir. (LUKÁCS, 1975, p. 54).

Em Lenin, portanto, emerge a concretude da tomada da posição, nunca ideológica, nunca imposta com violência à realidade, antes ao reconhecimento da situação existente e ao respeito de outras teorias, até mesmo

contrárias às suas, tampouco exigia que suas próprias teorias fossem exatas. No campo da ciência ou da filosofia a luta ideológica, ensina Lenin, não impede de reconhecer as razões do adversário ideológico, assim Lenin criticou Hegel, mas usou-o, por sua vez, na crítica a Kant, superando todo fanatismo ou ideologismo; mesma atitude de Lukács contra Sartre e seu existencialismo.

Por todas estas razões, nos escritos de Lenin, a história da filosofia torna-se viva, vibrante e até mesmo dramática. O estilo da crítica leniniana é vivo e vigoroso e seu senso crítico acolhe cada tendência progressista, ainda que plena de contradições. O que Lenin reprova nos pensadores marxistas de seu tempo é precisamente o caráter puramente negativo de sua crítica, que ele não considera nem exaustiva nem suficientemente convincente. (LUKÁCS, 1995, p. 261).

Como citei há pouco, Lukács usa Lenin como modelo para enfrentar não só questões políticas, mas também teóricas, se não como modelo humano de revolucionário.

Ainda mais forte emerge a diferença sobre a questão da disciplina de partido: Lenin pretendeu uma disciplina muito rigorosa no período da ação política na ilegalidade e durante o “comunismo de guerra”, mas sempre com a adoção da medida corretiva do respeito à disciplina de partido, isto é, as massas deviam reconhecer como correta tal disciplina, caso contrário, ela se transformava em uma farsa; enquanto afrouxou a disciplina durante a NEP – medida política praticável, mesmo sob um regime burguês e repúdio flagrante do “comunismo de guerra” - para Stalin a disciplina partidária era um dogma inquestionável. Assim, com os aliados de classe Lenin teve um confronto frutífero, enquanto para Stalin os aliados se transformaram imediatamente em inimigos de classe a depurar. Em vez disso “depuração para Lenin significa o controle democrático dos membros do partido, isto é participação ativa dos sem-partido à depuração no partido, portanto, a concepção do partido como um delegado do povo, que é necessariamente controlado pelo próprio povo.”²⁰ Lenin era, portanto, favorável a uma democracia direta e participada, mesmo ao extremo de considerar um direito indiscutível o direito à secessão dos povos que passa-

²⁰ LUKÁCS, G. Carta de 22 de agosto de 1964 a W. Hoffmann. In: LUKÁCS, G.; HOFFMANN, W. *Lettere sullo stalinismo*, cit., p. 57.

vam a fazer parte da União Soviética. Na verdade Lukács insiste em que a ditadura do proletariado era para ele uma forma de democracia proletária.

Sobre uma decisão precisa de ordem estratégica vale a pena fazer uma pausa. Lukács sempre foi favorável à escolha de Stalin em favor da construção do socialismo em um só país, contra a escolha de Trotsky para a revolução mundial. Mas Lukács recorda que “o socialismo em um só país vem por Lenin. Stalin somente após a morte de Lenin defendeu com sucesso essa ideia contra a chamada ortodoxia marxista de Trotsky”²¹. Esta declaração assume um valor ainda maior quando se pensa que Lenin expressou esta teoria do socialismo em um só país, quando recusou ajuda militar à República Húngara dos Conselhos de 1919, da qual Lukács participou ativamente. Lenin não queria construir o socialismo em um país com uma ação de força externa, com uma espécie de ocupação militar, como aconteceu, inevitavelmente, no final da II Guerra Mundial, na Europa Oriental ocupada pelo Exército Vermelho, antes o revolucionário russo era por uma ação de apoio a um processo revolucionário suficientemente enraizado e, portanto, vitorioso, como aconteceu no Vietnã dos anos sessenta e setenta. A República Húngara dos Conselhos não dispunha de um enraizamento forte na sociedade civil húngara e por isso toda intervenção russa em apoio da República se transformaria em uma ocupação militar.

Esta falta de apoio à República Húngara dos Conselhos revela que, para Lenin, a experiência revolucionária soviética não era um modelo para outras revoluções, mas cada país deveria encontrar seu próprio caminho para o socialismo. Ao contrário, Lukács afirma claramente:

Lenin [...] viu com grande clareza que a revolução russa não correspondia ao conceito (clássico) de revolução. Marx imaginava que a revolução socialista acontecesse nos países capitalistas mais desenvolvidos, do que concluía-se que nesses países não era mais necessário um intenso desenvolvimento das forças produtivas. Assim era, ao contrário, na Rússia, razão pela qual a construção socialista recebia uma tarefa de caráter completamente novo.²²

²¹ Idem.

²² LUKÁCS, G. Carta de 11 de abril de 1964 a W. Hoffmann, citada, p. 53. Cfr. G. L. “Nuovi modelli umani”, in G. L., *Il marxismo nella coesistenza*, cit., p. 41. Sobre este tema Gramsci também havia acolhido a modificação leniniana dos cânones revolucionários de Lenin em relação a Marx (cfr. GRAMSCI, A. “La rivoluzione contro *Il capitale*”, in Id., *La città futura*, cit., p. 513-517). O parentese é nosso.

Na verdade Lenin introduziu a NEP como uma forma de relações econômicas inteiramente nova, ausente nas obras de Marx, que nunca tinha tratado em detalhes o momento da construção do socialismo. E a NEP não foi relegada somente ao econômico, simultaneamente a ela Lenin lançou uma campanha para o fim do analfabetismo. Lukacs conclui: “Acabar com o analfabetismo significa que as pessoas devem ler e adquirir através da leitura autonomia na capacidade de orientação, sem a qual não pode se realizar a democracia socialista” (LUKÁCS,1974d, p. 93).

Lukács retoma o famoso problema da construção do socialismo em um país atrasado como a Rússia de 1917, que teria permanecido atrasado, ainda que a revolução tivesse atraído para ela a atenção do mundo inteiro, e reconhece a habilidade de Lenin de não ficar preso às teorias marxistas, segundo as quais a revolução aconteceria em um país capitalista desenvolvido, portanto Lukács, ao contrário do stalinismo, vê uma diferença entre Marx e Lenin, ou melhor, Lenin supera Marx. De fato, Lenin sempre considerou a Revolução de Outubro como um evento excepcional, não previsível por Marx, mas, nem mesmo pelo próprio Lenin, apenas alguns meses antes de fevereiro de 1917. Lenin superou até mesmo as concepções dos partidos russos mais importantes na época, o menchevique e o socialista-revolucionário, concedendo terras aos camponeses e promovendo a paz, medidas políticas que eles também poderiam ter posto em prática.

Comparado àqueles partidos, Lenin, uma vez retornado à Rússia, foi capaz de entrever e intuir que a revolução socialista era iminente, já estava em andamento, era preciso apenas facilitá-la com a participação do partido no movimento revolucionário. Isso mostra o quanto a teoria de Lenin era ao mesmo tempo precisa e flexível, em uma palavra dialética, anti-dogmática, não-esquemática, aberta a qualquer transformação possível, desde que não questionasse os fundamentos da teoria marxista. Com base nisso, Lukács pode afirmar: “Lenin foi a última grande figura de um desenvolvimento possível tempos atrás, e em seguida sempre mais impossível” (LUKÁCS,1974d, p. 65). Mas Lenin continua a ser o modelo de uma figura de intelectual prático, tanto que “poder-se-ia afirmar, sem exagero, que na pessoa e na obra de Lenin, a última e conclusiva tese de Marx sobre Feuerbach foi corporificada: até então os filósofos apenas interpretaram o mundo, trata-se, no entanto, de transformá-lo” (LUKÁCS,1970, p. 117-118).

A bússola que orienta a ação de Lenin é, de acordo com Lukács, o uso autêntico do marxismo, ou seja, a capacidade de utilizar à risca os ensinamentos de Marx e, ao mesmo tempo, um uso dialético deles, isto é, a capacidade de compreender o espírito dos escritos de Marx, sua relação concreta com a realidade concreta. Lukács descreve de forma muito acentuada a personalidade de Lenin:

Sua figura se cristaliza maravilhosamente por um lado na unidade inseparável de um desejo poderoso pelo que é radicalmente novo, e por outro, em um emaranhado de contradições reais de cuja íntima conexão resulta simultaneamente a monumentalidade humana de sua obra e a vastidão dos problemas que aquela época abriu como necessidades a cada homem. (LUKÁCS, 1968, p. 38).

É claro que esta é uma capacidade mais única que rara em todos os marxistas representativos que viveram depois de Marx, mas também é o limite do papel histórico de Lenin, após sua morte, uma personalidade como a dele não é possível encontrar e, com ele, perde-se a capacidade de interação dialética com a realidade. A um interlocutor epistolar, nos últimos anos de vida, Lukács observa com tristeza: “O tipo Lenin parece estar extinto.”²³

REFERÊNCIAS

- CASES, C. *Su Lukács*. Torino: Einaudi, 1985.
- COUTINHO, C. N. Lukács, a ontologia e a política. In: COUTINHO, C. N. *Marxismo e política*. São Paulo: Cortez, 1996.
- GRAMSCI, A. I massimalisti russi e Kerensky-Cernof. In: GRAMSCI, A. *La città futura*. Torino: Einaudi, 1984.
- LENIN, V. I. Kommunismus (12 de junho de 1920). In: _____. *Opere complete*. Roma: Editori Riuniti, 1967. v. XXXI.
- LUKÁCS, G. Nuovi modelli umani. In: LUKÁCS, G. *Il marxismo nella coesistenza*. Tr. it. M. Dallos e A. Scarponi. Roma: Editori Riuniti, 1968.
- _____. Postilla all'edizione italiana. In: LUKÁCS, G. *Lenin. Unità e coerenza del suo pensiero*. Tr. it. G. D. Neri. Torino: Einaudi, 1970.
- _____. La missione morale del partito comunista (24 aprile 1920). In: LUKÁCS, G. *Scritti politici giovanili 1919-1928*. Bari: Laterza, 1972a.

23 LUKÁCS, G. Lettera del 5 settembre 1964 a C. Cases. In: CASES, C. *Su Lukács*. Torino: Einaudi, 1985. p. 181.

- _____. Sulla questione del parlamentarismo (1 marzo 1920). In: LUKÁCS, G. *Scritti politici giovanili 1919-1928*. Bari: Laterza, 1972b.
- _____. Problemi dell'iniziativa rivoluzionaria. In: LUKÁCS, G. *Scritti politici giovanili 1919-1928*. Bari: Laterza, 1972c.
- _____. Cultura e Repubblica dei consigli. In: LUKÁCS, G. *Cultura e potere*. Roma: Editori Riuniti, 1974a.
- _____. I compiti della sinistra nella società occidentale. In: LUKÁCS, G. *Cultura e potere*. Roma: Editori Riuniti, 1974b.
- _____. A colloquio con Lukács (25 febbraio 1970). In: LUKÁCS, G. *Cultura e potere*. Roma: Editori Riuniti, 1974c.
- _____. La nuova direzione economica e la cultura socialista. In: LUKÁCS, G. *Cultura e potere*. Roma: Editori Riuniti, 1974d.
- _____. Il cinema e la cultura ungherese. In: LUKÁCS, G. *Cultura e potere*. Roma: Editori Riuniti, 1974e.
- _____. Lenin e il contenuto attuale del concetto di rivoluzione. Trad. it. L. Menato. In: LUKÁCS, G. *L'uomo e la rivoluzione*. Roma: Editori Riuniti, 1975.
- _____. La mia via al marxismo. In: LUKÁCS, G. *Marxismo e politica culturale*. Torino: Einaudi, 1977a.
- _____. Arte e verità oggettiva. In: LUKÁCS, G. *Arte e società*. Roma: Editori Riuniti, 1977b. v. I.
- _____. Sul dibattito tra Cina e Unione Sovietica. In: LUKÁCS, G. *Marxismo e politica culturale*. Torino: Einaudi, 1977c.
- _____. Lettera al sig. Carocci. In: LUKÁCS, G. *Il marxismo e la politica culturale*. Tr. it. A. Solmi Marietti. Torino: Einaudi, 1977d.
- _____. Prefazione del 1967 a *Storia e coscienza di classe*. Tr. it. G. Piana. Milano: Sugar, 1978.
- _____. *Ontologia dell'essere sociale*. Tr. it. A. Scarponi. Roma: Editori Riuniti, 1982.
- _____. *Pensiero vissuto. Autobiografia in forma di dialogo*. In: SCARPONI, A.(Org.). TÍTULO. Roma: Editori Riuniti, 1983.
- _____. *Esistenzialismo o marxismo?*. Acquaviva delle fonti: Acquaviva, 1995.
- _____. *La democrazia della vita quotidiana*. Tr. it. A. Scarponi. Roma: Manifestolibri, 2013.
- LUKÁCS, G.; HOFFMANN, W. *Lettere sullo stalinismo*. Gaeta: Bibliotheca, 1993.